

## 6º Concurso FNLIJ Leia Comigo! 2007

### Relato Real:

*SERTÕES ENCANTADOS*

Autor: Caio Silveira Ramos

São Paulo - SP

Meu pai chegou com o recorte de jornal: um anúncio convocando os ex-alunos do Seminário de Pirapora do Bom Jesus para um encontro festivo. No dia marcado, lá estávamos nós no carro, meu pai dirigindo, lembrando pelo caminho de histórias vividas há mais de quarenta anos.

Eu já conhecia muitas delas: minha avó morrera quando meu pai tinha sete anos. Ele disse adeus ao meu avô (que foi morar com o filho mais velho em São Paulo) e de mãos dadas com a irmã mais nova foi viver em Itu com a família da mãe. Quando meu pai completou onze anos, o tio fez o comunicado: ele seria encaminhado para aprender o ofício de sapateiro. Meu pai não tinha nada contra sapatos, botas e afins, mas nos seus pés ele já calçava as palavras aladas dos livros que conseguia emprestado das freiras, que lhe ensinaram o abecedário e outras vírgulas. Acuado, mas coroinha maroto, empiedou os olhos e pediu, “quero ser padre”. A tia, comovida, ralhou com os filhos, “vejam seu primo, tão piedoso, por que nem um filho meu foi abençoado com a vocação?”. Os primos não se importaram: gostavam dele como um irmão e no fundo sabiam que a vocação dele era bem outra. Ele só queria continuar calçando outras palavras para voar mais alto. E não necessariamente para alcançar arcanjos e querubins.

Chegamos à Pirapora e subimos pelo velho caminho que levava ao Seminário. Estacionamos o carro e fomos a pé, meu pai deixando a alma correr na frente aos pulos. De acordo com o anúncio, os alunos deveriam usar crachás para facilitar a identificação. Mas, ao cruzarmos o portão, um grito saiu de um senhor de bigodes e cabelos brancos que estava reunido com outros senhores de cabelos brancos – e que, com certeza, daquela distância, não conseguiam ler os nomes escritos no crachá do meu pai. Mas podiam, claramente, reconhecer seu rosto transfigurado:

“E aí, rapaz! Continua lendo *Os Sertões*?”

Eu sabia que meu pai era fascinado pela obra de Euclides da Cunha desde menino. No Seminário, o acesso aos livros era um tanto restrito: havia uma espécie de *index librorum prohibitorum* em que certos alencares, machados, azevedos, eças e até lobatos eram sutilmente não recomendados ou simplesmente proibidos. Mas se até o fantástico e misterioso eram desaconselhados, não faltavam clássicos da literatura greco-romana, obras sobre vida de santos, História Universal, História do Brasil e alguns livros de aventura. Daí que os meninos se esqueciam dos estudos de latim e grego, dos banhos frios, do despertar na madrugada, dos dias de jejum, piedade e oração, com autores que iam de Karl May a Júlio Verne, lidos por um colega na hora do almoço ou nas quintas e domingos de folga. Diferentemente de outros meninos que eram visitados pelos parentes em um dos finais de semana do mês, quando recebiam abraços, presentes e doces, meu pai era esquecido durante o ano todo, só retornando para Itu nas férias de janeiro. Aluno aplicado – não tanto no quesito disciplina – goleiro voador, bamba de pião e papagaio, na solidão das folgas ele se perdia por outros caminhos em busca de novas

aventuras. Foi então que topou com Antonio Conselheiro, Beatinho, o temível Moreira César e milhares de jagunços, e se embrenhou sertão adentro. E aquele livro árido, com seus barroquismos e ciências, desvendou ao meu pai-menino um País rico e miserável, generoso e cruel, místico e valente. Mal sabiam os padres belgas de olhos azuis e sotaque afrancesado que o garoto que preenchia os vazios dos dobrados da banda do Seminário com um velho bombardino, naqueles sombrios finais de semana encontrava (no mais insuspeito dos livros) muito mais do que análises da terra, do homem e da luta. Além de ensaios e aventuras, moravam ali, escondidos, o fantástico, o misterioso e os pecados proibidos. Por isso, ele se apaixonou pelo grito lancinado que aquelas páginas não abafavam. Páginas escritas por aquele homem inconformado, feito de angústia.

No encontro, os meninos de cabelos brancos se multiplicavam: falavam de partidas e jogos pendurados no tempo, de bolas de borracha moldadas com pente para o futebol-de-botão, dos grêmios de leitura, do salão de estudos, das Festas de São Norberto e do Bom Jesus, onde o batuque negro dos barracões profanos se misturava ao canto-chão e, juntos, embebedaram o sangue dos meninos para sempre. E se algum daqueles velhos meninos se lembrava agora das músicas da banda ou das peças de que meu pai tinha participado, aparecia um outro que chegava na roda e perguntava: “diga, Miro, como anda *Os Sertões*?”.

A maioria não seguiu a carreira religiosa – inclusive meu pai, que para o desespero da tia, disse que iria para São Paulo não para usar batina e seguir no Seminário-Maior, mas para trabalhar como bancário, estudar Letras Clássicas e ser professor. E quando alguém perguntava “professor de quê?” e ele respondia “de Português”, já vinha a exclamação “claro que foi por causa d’*Os Sertões*!”, como se fosse uma senha para desvendar antigos sonhos, esquecer dos assuntos graves dos sessenta e poucos anos e disparar a corrida descalça atrás de uma bola de capotão no campo de terra.

Terminada a missa – onde, para meu espanto, meu pai entoava com os colegas cantos-gregorianos seguindo uma partitura de notas para mim desconhecidas e indecifráveis –, foram aqueles meninos se despedindo dos colegas e de si próprios e, entristecendo-se, lentamente vestiram suas armaduras de tempo e aceleraram seus carros pela estrada.

No caminho de volta, pouco conversamos. Eu sabia que meu pai levava aquele menino que se embrenhou n’ *Os Sertões*, escondido no banco de trás. E não queria fazer barulho para acordá-lo, tão exausto que ele estava pelo dia cheio. Sabia também que por amor à palavra feiticeira daquele livro, o menino me tomaria nos braços – para que eu não me ferisse com a dureza do chão e o perigo das plantas espinhosas – até que eu estivesse pronto e pudesse me enveredar sozinho e apaixonado por outros sertões, mais poéticos e mais sonoros. Que ele machucaria tantas vezes a alma rasgada por baleias, tubarões, fabianos e paulo honórios para que meu corpo doesse mais sereno. Que para centenas de crianças, seus filhos ou não, revelaria aqueles sertões e aquelas almas, apresentando Dom Quixote, Zezé, Bentinho e o Visconde de Sabugosa (primo talvez de um tal conde de mesmo nome que aparece perdido nas páginas d’*Os Sertões*). E que o menino descobriria que o misterioso adormecer de sua mãe doía tanto quanto aquele narrado nos engenhos de Zé Lins; que a solidão e o abandono no seminário eram as mesmas do *coruja* André Miranda, de Aluísio Azevedo.

Mas, pelo resto da vida, aquele menino voltaria muitas vezes ao Arraial de Canudos. Naquele livro feito com a razão de um homem apaixonado ele encontrou as vozes e as mãos ressecadas para protegê-lo da solidão e a dor de um mundo inteiro despencada dos olhos de *um velho, dois homens feitos e uma criança, na frente dos quais rugiam raivosamente cinco mil soldados*. Naquele livro ele se agarrou às palavras e viveu por elas. Por causa delas.

Com a liberdade de um sonho inventado.

### **Relato Ficcional:**

#### ***LER É ULTRAPASSAR BARREIRAS***

Autora: Haviany Oliveira Bitencourt

Espigão do Oeste – Rondônia

Um bairro de classe pobre é o cenário que vejo desde que me entendo por gente. A casa onde moro desde os dois anos é só mais uma entre tantas outras de telhados e paredes encardidas, com poucos cômodos apertados e mobília simples. Os homens e mulheres que aqui residem têm uma rotina comum a muitas famílias do país, com suas preocupações voltadas para o trabalho, já que o salário que recebem é insuficiente para sustentar os filhos. Minha vida parece uma cópia da dos meus pais. Única diversão possível é deitar no sofá da sala, assistir TV e olhar os transeuntes avançando em meio aos poucos carros que trafegam a rua esburacada. Às vezes chego a pensar que meus netos nascerão aqui, e terão a mesma vidinha limitada e ignorante que tenho (o que me deixa revoltado com o que se costuma chamar de “destino”).

Hoje, a visão que tenho da janela da minha sala é diferente. Colocaram um imenso *outdoor* com a foto de um senhor com um livro nas mãos e uma frase que diz: “Ler é ultrapassar barreiras”. Um olhar distraído, mas reflexivo, me levou de volta à infância.

Meus afazeres diários eram concernentes a uma criança de cinco anos. Brincar e assistir TV eram meus preferidos, para não dizer os únicos. Enquanto assistia aos programas de desenho animado nesta mesma sala, observava que um menino, aparentando a mesma idade que eu, todas as tardes sentava-se à soleira da porta, ora com seu pai, ora com sua mãe, a fim de ouvir leitura de histórias. A sua expressão era de que estava envolvido em uma magia, ou que sua visão transcendia a realidade.

Meus pais trabalhavam para sustentar meus três irmãos e eu. Não tinham tempo disponível para gastar lendo histórias. Bem, os pais do garoto vizinho também trabalhavam.

As vezes que ia à sua casa, viam vários livros e revistas na estante, ou espalhados pelo chão. Essa situação me transmitia um aspecto de desordem, já que em minha sala havia apenas uma enorme Bíblia que permanecia aberta no Salmo 23, servindo de decoração.

Quando chegamos à idade de ir à escola, fomos matriculados coincidentemente na mesma turma de alfabetização. Lembro-me de que ele ocupava a primeira carteira perto da professora; eu, logo atrás dele. Na época, não compreendia porque suas notas eram tão melhores que as minhas. Por mais que me esforçasse, não conseguia ler aqueles textos complicados; não sabia como Felipe tinha tantas idéias naquelas redações que precisávamos fazer. As aulas de leitura eram suas preferidas. Sempre era o primeiro a se

dispor a ler em voz audível. Ou sempre tinha algo a falar quando a professora dava oportunidade aos alunos para contarem sobre algum livro que porventura haviam lido.

No final do ano, Felipe foi aprovado. Eu não.

Continuamos colegas. Nas folgas da escola, brincávamos de futebol, de empinar pipa, andávamos de bicicleta. Quando voltávamos para casa, eu me estendia no sofá bem em frente à TV. Felipe sentava com seus dois irmãos menores para ler, tal qual faziam seus pais. Aquilo me intrigava. Mas logo esquecia.

O tempo passou. Felipe terminou o Ensino Médio e começou a trabalhar de *office-boy* em uma Faculdade há umas duas horas daqui e foi contemplado com uma bolsa nessa mesma Faculdade, em virtude das excelentes notas que conseguira no decorrer de sua vida escolar. Eu fui reprovado novamente e acabei por desistir na sétima série, por conselho de meu pai. Ele dizia que eu não tinha nascido para os estudos.

Os trinta anos que se passaram não trouxeram muitas mudanças. Hoje, moro na mesma casa de telhado e paredes encardidas com minha esposa, meus três filhos e minha mãe. Meu pai faleceu há três anos com cirrose hepática.

Felipe, que se mudou logo após iniciar o curso de Jornalismo, agora volta neste *outdoor* em Campanha pelo Incentivo à Leitura, já que se tornou um jornalista e escritor renomado de contos e crônicas.

Ler é ultrapassar barreiras... Ler é ultrapassar barreiras...

– O que será que está passando no canal 6?